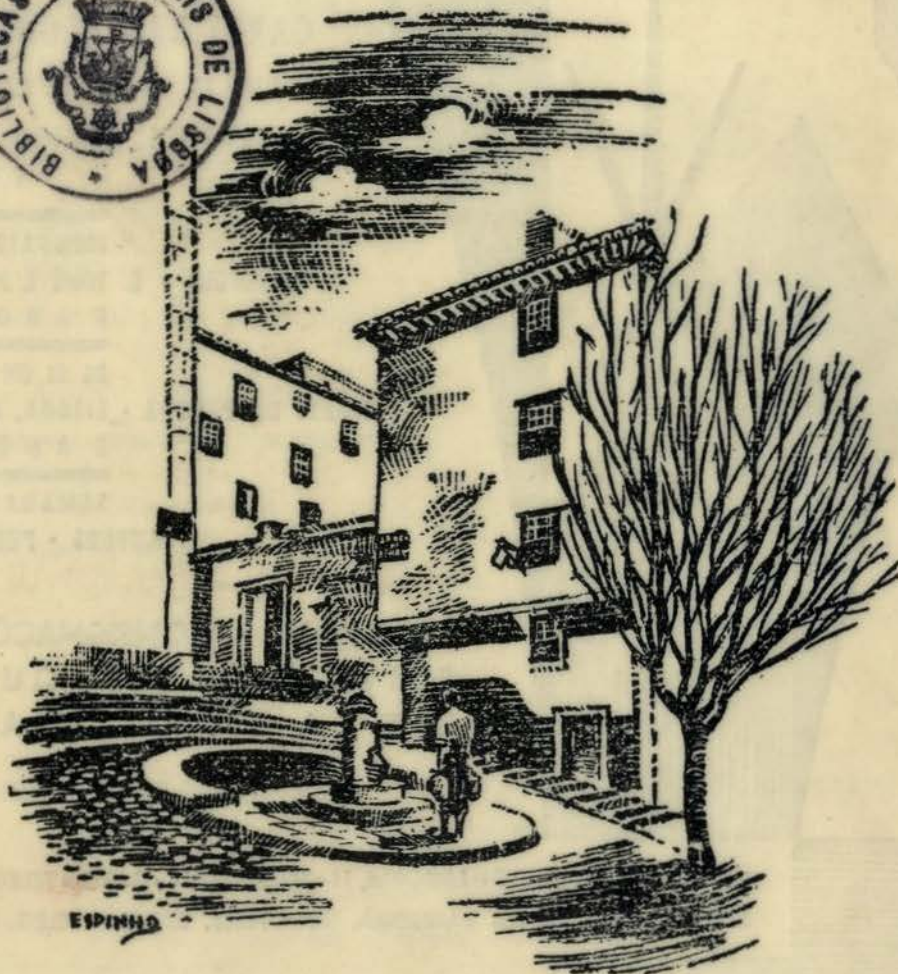


OLISIPO

BOLETIM
TRIMESTRAL
DO GRUPO

“AMIGOS DE LISBOA”



ANO XXIII — N.º 90 — ABRIL - 1960



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS
METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING • CONSIGNAÇÕES
SERVIÇO DE REBOQUES
D E A L T O M A R**

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 26314 • 34513 • TELEG. GERAL
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. SABÕES**

**RAMOS
AFONSO
& MOITA**
LIMITADA

OFICINAS
GRÁFICAS

Composição manual e mecânica. Impressão rápida.
Encadernação. Livros, Revistas, Magazines, Im-
pressos comerciais e burocráticos. Livraria. Papelaria

LISBOA, 2 — S. Vicente de Fora — R. Voz do Operário, 8 a 16

A
LEGAL & GENERAL


agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas :

350 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE :

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA


Casa
Batalha


FUNDADA EM 1635

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744



GAIVOTAS, LDA.

FABRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.º livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo
70

Telefones: 30582 - 30583 - 28220

Secção de revenda e armazéns

Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

Casa Maciel, Lda.

CASA FUNDADA EM 1810

Premiada nas exposições do Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa

FABRICANTE DE
LANTERNAS

em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA



IDEAL-EXPRESSO

(Antiga LISBON PRESSING)

Lavandaria
Tinturaria

As mais amplas, modernas e completas instalações de lavandaria a seco

As nossas oficinas, servidas por pessoal técnico de comprovada competência e com a mais perfeita aparelhagem até hoje montada em Portugal, garantem aos nossos clientes, a mais perfeita execução e acabamento de todos os trabalhos

A mais moderna técnica

A mais longa experiência

Se ainda não conhece os nossos serviços ... experimente ... e ficará cliente ...

22, Largo Trindade Coelho, 23

(S. Roque)

Telef. 2 4802

**SEGURO
POPULAR
DE VIDA**



segure o seu filho
com um
Seguro
Popular de Vida
Dotal

companhia de seguros

IMPÉRIO

rua Garrett, 56 - Lisboa

50\$00
por mês

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO. RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — TEL. 2 30 63


Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26

Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.		Navios de carga	Tons. desloc.	Tons. D. W.
Moçambique	9.423	18.220		Sofala	12.145	18.520
Angola ...	9.550	18.250		Moçâmedes ..	9.120	12.990
Niassa ...	9.706	16.330		Rovuma	9.120	12.990
Quanza ...	6.230	11.550		S. Tomé ..	9.050	12.550
Índia	6.655	11.677		Nacala	3.370	5.130
Timor	6.655	11.677		Tagus	1.532	2.581
Zambézia ...	1.857	3.538		Chinde	1.543	2.592
Lúrio	1.857	3.538		Angoche ..	1.630	2.320
Save	1.330	2.680				

Em construção:

Príncipe Perfeito — 20.000

VISTA ALEGRE

PORCELANAS

**Continua lembrando o nome de
PORTUGAL no Mundo**

LARGO DO CHIADO, 18 — RUA IVENS, 19 — LISBOA

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXIII

ABRIL DE 1960

NÚMERO 90

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

DOIS MORGADIOS LISBOETAS por <i>Matos Sequeira</i>	59
NORBERTO DE ARAÚJO E O INVENTÁRIO DE LISBOA por <i>Hugo Raposo</i>	65
O BAIRRO CAMÕES por <i>Mário Costa</i>	74
NOVA LISBOA por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	78
LISBOA por <i>M. S.</i>	92
FEIRA DA LADRA	93
ACTIVIDADE CULTURAL	94
RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA	96
PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS	101
CAPA: Largo da Achada - Desenho de <i>J. Espinho</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

DOIS MORGADIOS LISBOETAS

I - O MORGADO DO CORPO SANTO

À entrada do século XVI, deu-se um dos movimentos expansionistas de Lisboa. A capital que já, desprezando a defesa da muralha Fernandina, extravasara para o Poente, e entrara a encher de casario a vertente Sul do Pico de Belver, no final do quatrocentismo, cortando de novos arruamentos a herdade da Boavista que fôra do astrólogo Guedelha Palançano, já não se aquietava nos seus pousios primitivos.

A lei do rei venturoso, de 1500, que mandara cortar todos os olivais intramuros, para nos seus térreos se fazerem casas — e assim acabaram os olivedos do monte de Santana, da encosta do Carmo e outros — dá a medida exacta desse desenvolvimento motivado pelo acréscimo populacional da cidade. O seu arrabalde de hortejos e ferragiais ia-se afastando a pouco e pouco. A mancha, sépia e verde, do que depois foi o Campo de Santa Clara, em breve passaria aos desencontros vermelhos e verdes dos telhados citadinos. Lisboa crescia, atulhada das desvairadas gentes da mercância e da náutica que vinham num primário Turismo visitá-la ao cheiro das primícias das especiarias da Índia e à procura do maravilhoso dos novos mundos descobertos.

A ribeira do Tejo, listrava-a de novos interesses, e as praias e salgados — alguns, por munificência régia, já na posse da Câmara, principiavam

a apetercer aos dinheirosos, aos grandes, e aos tratadores de negócios de além-mar.

D. Manuel e os que o aconselhavam e guiavam, no árduo ofício de governar o Reino, entenderam que eram de satisfazer esses apetites. Toda a margem desde a Ribeira das Naus, até à Boavista, mal começado o século, entrou a povoar-se. Em frente aos espalmadouros, onde fervilhavam calafates, remolares, petintais dos estaleiros, e onde aproavam os barcos ribeirinhos, os aforadores erguiam casas e talhavam ruas. A muralha de Cataquefarás até às torres de João Bretão e de Lopo Mendes, separava a velha cidade dessa vila-nova marginal, dia a dia a movimentar-se mais intensamente. O Tejo tinha, então, um grande poder de atrair.

O mercador Afonso Martins, que fôra nosso feitor em Flandres, João Roiz Pais, Conselheiro de El-Rei e Contador-Mor de Lisboa, outro mercador de nome Estêvão Vaz, um fidalgo, Rui de Figueiredo e o Veador da Cidade Vasco Anes Corte Real, foram dos primeiros a beneficiar das doações régias. Este, no terreno que lhe doara, deu princípio ao célebre palácio dos Cortereais. Nas oito braças de terra «ante a Porta de Cataquefarás e a torre que está diante das casas de Lopo Mendes, a começar da Torre de João Bretão», é que assentou a magnífica pousada que veio parar à Casa do Infantado e que figura em quase todas as vistas de Lisboa.

Ainda outro alfacinha de grossos teres — Diogo Fernandes Correia — cavaleiro da Casa Real e que também fôra feitor em Flandres, esteve na fila dos primeiros urbanizadores deste local ribeirinho. Por carta de 31 de Março de 1501, doou-lhe D. Manuel um pedaço de praia «da Porta de Cataquefarás ao longo da parede em que bate o mar», praia que ia além da serventia onde saíam os batéis. Às doze braças de craveira então doadas o beneficiado daria a largura que mais lhe conviesse. Esta medida, meses depois, ordenou-se se passasse a contar de umas casas que ali tinha um Nicolau Coelho, para obviar à estreiteza com que ficava o embarcadouro dos barcos, contando-se as braças como se dizia na Doação. Estes chãos de Diogo Fernandes Correia ficavam vizinhos dos que tinham sido doados a Estêvão Martins e foi neles que Diogo Fernandes Correia que já respirara os fumos da Índia onde tinha servido como Alcaide-Mor de Cochim, ideou o começo de uma Vila Nova, abrindo duas ruas de casas que decerto excitaram a actividade urbanizadora dos dinheirosos vizinhos. Não ficou, porém, por aqui o seu empreendimento; Diogo Fernandes

Correia, desejoso de notabilizar melhor a sua progénie, em 12 de Abril de 1516, instituiu um morgado, com cabeça neste solar citadino e ligado a uma capela de Santana, na Igreja da Conceição.

E chamou a esse morgado, o *Morgado do Corpo Santo*.

Porquê? A razão é simples. Bem perto dos seus casarios, encostada à muralha fernandina, ficava a Ermida onde se venerava Frei Pero Gonçalves Telmo — o «Corpo Santo» tão evocado pelos mareantes e pescadores de Lisboa, e que estes levavam num andor, enramado de coentros verdes, à romaria da Senhora dos Prazeres.

À iniciativa de Diogo Fernandes Correia, outras se seguiram para o povoamento da ribeirinha Vila Nova de Cataquefarás. Das casas do Feitor da Casa da Mina, Fernão Lourenço, místicas com os fornos de Pero Brandão, e desde o pendor rochoso dos Paços dos Duques de Bragança, às casas de Lopo Mendes e do almoxarife das Terceiras, Diogo Delgado, na Tanoaria, onde o primeiro abriu um postigo na muralha, toda a margem se ia coalhando de edificações, defrontando os salgados e a praia doados pelo rei ao Senado da Câmara, no ano seguinte de 1502.

O morgado do Corpo Santo que ajudou a desagregar uma porção de terreno da sujeição do topónimo Cataquefarás, chegou ao século XIX. Diogo Fernandes Correia, confirmado o morgadio e dispensado, por D. Sebastião, da Lei Mental, pôde legá-lo a um sobrinho de sua mulher (D. Maria de Rebelo) Rui de Abreu Botelho, fidalgo da casa do Mestre de São Tiago. Deste passou a sua irmã Maria Botelho, mulher de Lopo Álvares Borges. A família Borges Rebelo ficou assim na posse do morgado lisboeta que, no primeiro quartel do século XVIII era administrado por António de Moraes Rebelo, cavaleiro da ordem de Cristo, casado com D. Josefa de Moraes Madureira. Destes passou (pelo casamento de D. Antónia Borges Rebelo de Ataíde e Vasconcelos com António Caetano de Sousa Pavão e Pinto, de Suções, avós de Alberto de Sousa Ataíde Rebelo Pavão. Os filhos deste fidalgo transmontano e de sua mulher D. Antónia da Costa Pessoa Pinto Cardoso, passaram a ser representantes do morgadio do Corpo Santo.

O topónimo «Cataquefarás», que era quatrocentista, foi esquecendo aos poucos. Primeiro veio a obra urbanizadora de Diogo Fernandes Correia que criou o sítio do Corpo Santo; depois a dos Sodrés que originou outro nome ao velho espalmadouro tornado em Cais.

II - O MORGADIO DA BOAVISTA

De São Paulo à Esperança, a estrada que bordejava o Tejo, começou no quinhentismo a enriquecer-se de nobres pousadas. Perto das residências fidalgas dos Lobos da Silveira (Condes-Barões de Alvito) e dos Almadás (Provedores da Casa da Índia) esquinando para uma serventia empinada que ia para o Poço dos Negros, erguia-se uma casa de bom aspecto, com largo pátio ao Norte, servido por um portão senhorial, mesmo na quina de um caminho que o seu proprietário afeiçoara melhor, em jeito de travessa, e que seguia para o adro de Santa Catarina. Era a casa de um abastado negociante de «grosso trato», como então se dizia, que subira a fidalgo da casa da Infanta D. Maria e depois de D. Sebastião, e que até 1589 teve nas mãos o contrato das naus da Índia que era negócio de costa acima. Chamava-se Manuel Caldeirão, e viera para Portugal com seu pai o asturiano André Caldeirão, já iniciado com grande aproveitamento em quantiosas empresas comerciais.

Manuel Caldeirão, que também foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, não quis deixar de subir mais alguns degraus, e assim instituiu um morgado, dando-lhe como cabeça a sua casa nobre da Boavista, com pátio residencial e largo jardim, pousada de categoria que embora transformada e diminuída de recintos de verdura, se vê ainda hoje, à esquina da rua nomeada pelas Gaiotas amiúde voejando à boca dos canos que ali desagravam no rio.

De sua mulher e parenta D. Leonor Caldeirão, teve Manuel Caldeirão catorze filhos e filhas, o mais velho dos quais, André Caldeirão, como o avô sucedeu no morgado e foi também Fidalgo da Casa Real e Comendador de S. Fagundo na Ordem de Cristo (1586) por mercê dos Filipes, em atenção aos seus serviços, entre os quais se nomeavam os prestados na jornada de África. André Caldeirão ficara prisioneiro em Alcácer Quibir e, no seu cativo e no resgate dispendera, como o pai, grossos cabedais. Como não tivesse geração do seu casamento com D. Catarina da Silva, da família Furtado de Mendonça, por sua morte o morgado da Boavista passou para seu irmão Francisco Caldeirão. A este atraíram-no mais as letras do que as armas. Foi grande letrado, Lente de Prima em Salamanca e em Coimbra, e Desembargador dos Agravos e da Casa da Suplicação. De sua mulher D. Leonor Manuel, oriunda de Ciudad Rodrigo, teve seis filhos que não deixaram descendência, e um Rodrigo Caldeirão que havendo respeito aos serviços do Dr. Francisco Caldeirão, teve o hábito

de Cristo em 1620, e foi, como seu pai e avô, Fidalgo da Casa Real. Do casamento com sua prima D. Joana da Veiga Cabral, nasceram três filhos, uma senhora que teve o nome da mãe, Francisco Caldeirão da Veiga Cabral e Sebastião Caldeirão da Veiga Cabral. Este, que era segundogénito, foi um notável cabo-de-guerra nas campanhas da aclamação, Mestre de Campo General e duas vezes comendador da Ordem de Cristo; mas Francisco Caldeirão, o que herdara o morgado, deslustrou a família com as suas extravagâncias, enpenhou e dissipou a casa e viveu vergonhosamente. A pousada nobre da Boavista deixou de ter a antiga grandeza. O morgadio passou a uma das suas três filhas. Da mulher do extravagante fidalgo, D. Mariana Bembo, filha do nobre italiano Fabrício Bembo, de Cremona, não se sabe que destino tivesse. A filha herdeira, D. Maria Teresa da Veiga Cabral, levou o morgadio para o seu marido, um inglês que um nobiliário nomeia de Manuel Tomás Arte.

E aqui cabe uma diversão para outro ponto que, com este, estreitamente se liga.

Uma família flamenga, de apelido Hustaerdt, residia já, no primeiro quartel do século XVII, na freguesia de Santa Catarina. Quando em 1625 se criou a nova freguesia das Mercês, uma das demarcações da paróquia, cujo território se desmembrava em parte da de Santa Catarina, fixava-se nas casas do flamengo Carlos Estarte (aportuguesamento de Hustaerdt, que também se grafou Hustarte), casas na quina da rua, e que ficavam diz a demarcação, «defronte do canto onde está uma cruz de pau». Ora a cruz a que se faz referência, ficava no entroncamento da Rua do Poço dos Negros, com a da Cruz dos Poiais e, portanto, tais casas não coincidem com as dos Caldeirões. A residência dos flamengos Hustartes ou Estartes, era outra, embora na vizinhança da pousada dos morgados da Boavista.

Carlos Hustaerdt que morreu em 1627, era um negociante opulento que fundou, com um irmão de quem foi herdeiro, a quinta do Cabo em Povos, actualmente na posse da família Palha. Conclui-se das suas disposições testamentárias que deixou descendência, e isto nos leva a formular a hipótese de que o inglês (?) Manuel Tomás Arte, que antes seria flamengo, marido da herdeira do morgado dos Caldeirões, e seu vizinho, pertenceria a essa progénie e de aí viesse a identificação, que já se fez, da casa dos Estartes com a dos morgados da Boavista.

O que é certo é que em 1706, D. Maria Teresa da Veiga Cabral, escambou esta residência afidalgada com António Guedes Pereira, escrivão da Fazenda Real, por um juro na Alfândega de Lisboa, já se vê, com uma

Provisão Real e com consentimento do imediato sucessor do morgado que era João da Veiga Cabral, filho do Mestre de Campo General Sebastião da Veiga Cabral, seu tio.

Francisco da Fonseca Benevides, no seu livro «No Tempo dos Franceses», refere miudamente uma larga história da conspiração de 1641, contra o novo rei português em que no conluio do Marquês de Vila Real e do Duque de Caminha, entrava o Alcaide-Mor de Torres Vedras, D. João de Alarcão, dando-o como proprietário e residente desta casa da esquina da Rua das Gaivotas para o Conde-Barão. Benevides não diz no seu saboroso livro qual a fonte onde colheu tal notícia, cheia de pormenores e de datas que nos dão a impressão de estar inteiramente senhor de tal assunto. Faz o palacete dos Caldeirões teatro das reuniões conspiratórias, cita o sótão dos conciliábulos, que ficava sobre a sala, mais tarde ocupado com um tecto de pinturas atribuídas a Cirilo Wolkmar Machado alusivas à Música, onde no tempo dos franceses se deram esplêndidos concertos, e entra em minúcias de confiscos, alienações e aluguéis do imóvel que nos convencem de que trabalhou sobre documentos. Todavia o seu informe quanto à casa da Boavista não pode estar certo. Até 1706, como vimos, tal propriedade era dos Caldeiras, e não podia o Tribunal da Represália, confiscá-la a D. João de Alarcão, nem torná-la a dar ao antigo conspirador que servia com o filho em Castela, nem este a podia conquistar «pelas armas» (?) aos Condes de Avintes.

A casa era outra. Qual? Seria a dos Estartes defronte da Cruz dos Poiais? Esta pergunta formula-se pela confusão que já estava feita entre os dois imóveis. Todas as indicações dadas por Benevides quanto a posteriores proprietários e inquilinos, devem, pois, ficar de remissa, e aplicar-se a outra construção das proximidades.

Luís Pastor de Macedo, em nota n.º 20, no final do iv volume da «Ribeira de Lisboa», de Castilho, que reviu e anotou, transcrevendo o relato de Benevides acrescenta-o com a lista dos actuais inquilinos do solar daquele Manuel Caldeira que deu nome à travessa que foi depois Rua do Caldeira, e a que agora foi dado o nome de Fernandes Tomás. E isso é que está rigorosamente certo.

M. S.

Norberto de Araújo

e o

Inventário de Lisboa

por HUGO RAPOSO

(Palestra proferida no salão do Grupo, em 11 de Fevereiro último)

ERA Norberto de Araújo uma figura tão interessante e de tal maneira a sua personalidade se impunha que ainda soa nos nossos ouvidos o timbre da sua voz e o calor da sua recitação. No entanto — parece impossível — já vão passados sete anos sobre o seu desaparecimento, ao fim de doloroso e prolongado sofrimento que lhe foi reduzindo energias e apagando a própria razão.

Quando haja de se falar dos Amigos de Lisboa é impossível não se falar também desse saudoso jornalista e escritor, tal a influência que ele pessoalmente exerceu nos primeiros movimentos de aglutinação de valores e de chamamento de boas vontades.

Se o agregado de intelectuais e de diletantes que tomou a iniciativa da fundação deste Grupo, teve, é certo, a intervenção decisiva de algumas individualidades de grande porte, como nomeadamente a do Sr. Pastor de Macedo que assumiu o posto de porta-estandarte e a do Sr. Dr. Eduardo Neves, que já anteriormente havia fundado um núcleo de Amigos de Lisboa na Sociedade de Propaganda de Portugal, o que é verdade é que Norberto de Araújo teve nesse movimento um papel extremamente valioso, não só na publicidade preparatória da organização, como a seguir na intervenção directa em variadas manifestações que assinalaram os primeiros tempos de vida do Grupo.

Norberto de Araújo era mais do que um lisboeta, nascido, criado e vivido na capital. Ele era essencialmente um alfacinha, apaixonado pela

sua terra, mas ao mesmo tempo um homem de profunda cultura olisiponense e que conhecia «os cantos à casa».

Na oratória, como tantas vezes tivemos ensejo de ouvir, Norberto era brilhante e, sobretudo quando improvisava, a sua alma acalorava-se e o discurso envolvia-se a breve trecho nas chamadas alterosas da eloquência, que prendia e emocionava.

Algumas vezes tivemos ocasião de o abordar a pedir-lhe artigo ou conferência. Norberto não se fazia rogado e acedia prontamente. Algumas vezes indicava desde logo o tema que trataria e chegava mesmo a dar o título ao trabalho que mais tarde faria. Porém às vezes faltava.

Quem o conhecia, falava-lhe novamente na véspera do dia marcado para a conferência, ou mesmo no próprio dia, mas mais de uma vez sucedeu ele estar completamente esquecido da promessa que fizera. Não sei como, em 24 horas e às vezes em algumas horas a conferência aparecia e era sempre brilhante. Norberto tinha o condão, ou o treino de jornalista de em poucas horas ordenar as suas ideias, e passava-as rapidamente ao papel.

É certo, como se disse, que algumas vezes se esquecia e faltava. Mas quanto a chegar tarde, isso sucedia sempre, e não foram poucas as aflições de quem organizava as conferências, estar com a sala cheia e o orador sem aparecer...

Conta Leitão de Barros que uma noite telefonou a Norberto a pedir-lhe uma determinada colaboração literária, creio que uma novela. Pois esse trabalho estava pronto e entregue no dia seguinte pela manhã, o que prova a rapidez com que trabalhava a sua imaginação.

A produção olisiponense de Norberto de Araújo é vasta e está espalhada por vários jornais e revistas, principalmente no *Diário de Lisboa*, onde a «Página da 5.^a feira» destinada aos «seus oito leitores» foi um assinalável êxito jornalístico, que perdurou por largos anos, mas a sua verdadeira obra consta de três publicações intituladas: *Legendas de Lisboa*, *Peregrinações em Lisboa* e *Inventário de Lisboa*.

A primeira, trata-se de uma série de pequenos folhetins ou aguarelas em que a Lisboa e o seu típico estão gravados em pinceladas coloridas. É um trabalho de jornalista que fixa impressões e aspectos para os transmitir ao público a quem consegue desvendar aquilo que toda a gente vê, mas que não era capaz de ver e sentir como ele via e sentia na sua palpitação lisboeta.

As *Peregrinações* são uma obra longa, desdobrada em quinze fascículos, em que o autor, fazendo-se acompanhar por uma personagem



Norberto de Araújo

imaginária percorre sistematicamente a cidade em todos os sentidos, e, conversando sempre com o seu interlocutor, vai desdobrando a história de cada local ou de cada rua, dos monumentos, dos bairros, dos templos e edifícios que tenham interesse e tradição.

A cidade encontra-se ali toda esquadrinhada e raro é o estudioso que não tenha de ir procurar elementos e pormenores, que nele encontra com certeza, porque esse livro faz parte e é indispensável em qualquer biblioteca lisiponense, podendo dizer-se que é o grande roteiro da capital.

Porque nós muitas vezes lho ouvimos, Norberto de Araújo dedicava um grande afecto às suas *Peregrinações*, na verdade um trabalho literário de grande fôlego, dividido em 15 livros, com primorosas ilustrações desenhadas pelo Mestre Martins Barata, e ainda com três volumes à parte, de índices remissivos. Mas para nós, a sua grande obra, apesar de incompleta e aquela que lhe dará a imortalidade na plêiade dos historiadores da cidade, é o *Inventário de Lisboa*. Essa paciente compilação de informes históricos deve ter sido laboriosamente congeminaada no cérebro de Norberto de Araújo, deve ter começado por uma ideia que pouco a pouco se foi avolumando na sua inteligência e estendendo raízes na sua alma.

E assim com um plano já delineado em linhas mestras, ele sobe em 25 de Maio de 1939 ao Salão Nobre dos Paços do Concelho para proferir uma conferência precisamente intitulada «O Inventário de Lisboa», e diz logo no início:

«Neste amor a Lisboa, ordenado e sério, despido de expansões mórbidas, integrado apenas dentro da cultura — a minha função é modesta: propagar, agitar, convencer, ensinar o que anda ensinado, repetir o que foi dito e revelar apenas aqui e ali.»

Nesta sua confissão ele é absolutamente sincero. Norberto não era — como por exemplo Júlio de Castilho ou Vieira da Silva — o homem de ir arrancar os segredos dos arquivos, mas conhecidos que fossem, ele sabia, como ninguém, retocá-los na colorida paleta de tintas que era o seu coração de alfacinha.

A conferência é desde logo o enunciar dum propósito em potência, que ele explica ao auditório e deduz, por exemplo:

«A circunstância de sabermos um por um, de cór, ou por apontamentos esparsos, quais as peças soltas das nossas colecções de estampas, ou de faianças, ou de caixas de rapé, — não nos impede de estabelecermos para bom entendimento das coisas e proveito melhor da sua contemplação — um catálogo»

e, logo noutro passo Norberto, que já estava a arrumar as pedras do edifício literário em projecto, completa o seu pensamento quando afirma:

«... assim, a coordenação de tudo quanto é material, enobrecido pelo tempo, venerando pelo significado, amável pela expressão, deve ser inventariado em sistema — por ciclos e por caracteres.»

Todavia, para evitar o mal-entendido e para esclarecer amplamente o seu auditório à conferência, sobre o que ele entende por «Inventário de Lisboa», acrescenta Norberto:

«... e quando digo Inventário também não se suponha que defendo a discriminação como se se tratasse de um arrolamento — o que seria ridículo e desproporcionado —, mas de uma indicação sumária de seus valores à vista, materialização de um espírito que pairou sobre Lisboa piedosa do século XIII ao século XIX.»

Depois Norberto cita, justifica e pormenoriza cada uma das grandes rubricas do Inventário. Fala dos conventos e das suas adaptações múltiplas, das igrejas e capelas existentes e das desaparecidas, das casas paroquiais e das ermidas, dos claustros e dos túmulos, dos arcos e dos pórticos, das portas e das fortificações, dos monumentos e das estátuas, das lápides foreiras e das inscrições piedosas, das bicas e dos chafarizes, dos cunhais e das janelas lavradas, da nossa espantosa riqueza em azulejos, cujo capítulo, segundo disse, só esse, faria alguns volumes.

Ele prossegue com elevação e entusiasmo na citação das casas quinzentistas e seiscentistas, como também das casas pitorescas, dos pátios nobres e dos pátios populares, dos cruzeiros e alpendrados, nichos e oratórios, das casas históricas e dos palácios.

Esta foi a conferência. Porém o seu pensamento colocava-se mais além. Ele preparava o terreno e os espíritos para a materialização do seu propósito, e afinal algum tempo havia fatalmente de medear entre uma coisa e a outra.

O contrato com a C. M. foi celebrado a 13 de Abril de 1942 mas só em Janeiro de 1944 é que saiu a público o primeiro fascículo do *Inventário de Lisboa*, precedido duma nota preambular do Dr. Jaime Lopes Dias, em edição da Câmara Municipal, é claro, tratando este volume inicial de Monumentos Históricos, que são o Castelo, a Sé, os Jerónimos, a Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrela e do Aqueduto.

Este *Inventário*, quer grãficamente quer na orientação literária é diferente de tudo quanto se havia publicado até então. Norberto de Araújo conseguiu encontrar uma arrumação lógica e metódica para atingir o fim em vista. Começa por citar as datas essenciais respeitantes a cada monumento, como sejam a fundação, transformações, ampliações ou restauros e reintegrações. Segue-se a notícia histórica e depois o desenvolvimento dos pormenores, quer sob a forma descritiva, saída da sua pena, quer sob a forma de ilustração, com desenhos do artista José Espinho que soube interpretar com muita felicidade o pensamento do autor da obra.

As pessoas que se ocupam dos estudos olisiponenses têm de recorrer frequentemente a pesquisas em vários autores, pesquisas que nem sempre são fáceis. Por exemplo a *Lisboa Antiga* do Visconde de Castilho, colectânea histórica que domina de longe tudo quanto de então para cá se escreveu acerca de Lisboa é uma obra de difícil consulta, o que em nada desvanece o seu valor nem a erudição do mestre. É necessário algum treino para se localizar o informe que se pretende.

No *Inventário*, apesar da singeleza do conteúdo, tudo se encontra prontamente, e repentinamente o consulente se acha esclarecido e inteirado.

Os volumes seguintes foram publicados dentro de certa regularidade, com cadência aproximadamente anual, sendo os assuntos tratados os que se enumeram:

- I – *Monumentos Nacionais*;
- II – *Sistemas defensivos*;
- III – *Paços e Palácios nacionais*;
- IV – *Outros palácios do património nacional*;
- V – *Palácios nacionais e Palácios particulares*;
- VI – *Palácios particulares (cont.)*;
- VII – *Palácios particulares (cont.)*;
- VIII – *Palácios particulares (cont.)*;
- IX – *Palácios particulares (cont.)*;

Como se vê, o autor ultrapassou o seu próprio pensamento e passou para além do plano inicial, que consta dum sumário expressamente editado para o fim publicitário da obra e que veio a ser também integrado entre as págs. 4 e 5 do 1.º fascículo.

Na verdade, a aceitação do *Inventário de Lisboa* revestiu-se dum tal êxito literário e tomou uma tal amplitude que Norberto de Araújo acabou por lhe intercalar um fascículo extra (em complemento ao 5.º fascículo) para tratar exclusivamente de Casas da Câmara para o que se socorreu da colaboração de outro ilustre escritor lisiponense, o Sr. Luís Pastor de Macedo.

O último volume editado ainda em vida de Norberto de Araújo foi o IX fascículo, vindo a lume em 1952. O desaparecimento do saudoso jornalista deu-se no mês de Novembro desse mesmo ano.

Havia naturalmente o receio de que uma obra tão interessante ficasse interrompida e esse receio perdurou por muito tempo até que em 1955 surgiu com geral apazimento o X fascículo, organizado pelo Dr. Durval Pires de Lima, mas elaborado ainda com material deixado pelo autor.

Em 1956 saíram os fascículos XI e XII já com matéria do novo organizador, havendo a louvar-lhe a lealdade de se ter mantido dentro do anterior sistema de arrumação dos assuntos, merecendo-me apenas breve reparo a insistência do tipo de ilustrações do fascículo XII, o que não deslustra o conteúdo literário mas deforma um pouco o sentido inicial do *Inventário*.

Afinal todos os admiradores desta publicação estávamos em grande regozijo pelo facto de se prosseguir na execução do plano traçado por Norberto de Araújo e eu próprio anotei o acontecimento numa pequena nota saída a seu tempo no *Olisipo*.

Tranquilizados estavam pois os espíritos quanto ao prosseguimento do *Inventário de Lisboa* e todos nós em serena expectativa de que a respectiva publicação ia prosseguir em boa cadência. Porém passou o ano de 1957, passou o ano de 1958, passou também o de 1959 e não houve mais notícia alguma.

Não nos resta a menor dúvida de que esta obra há-de prosseguir. Não nos resta a menor dúvida de que a ideia de a continuar não foi abandonada, mas se considerarmos que o plano fundamental de Norberto de Araújo compreendia nada menos que 23 capítulos e que desses capítulos apenas cinco foram até agora versados nos 12 fascículos dados à estampa, fácil é de entender que a realização total do plano absorverá alguns anos de trabalho a quem quer que haja de o prosseguir e é bem de recear que uma dilação excessiva desligue o espírito da obra do clima literário em que ele se gerou, nasceu e viveu.

Entre a data da conferência-programa de 1939 e o dia de hoje vão passados vinte e um anos. Entre a data da saída do primeiro fascículo e o ano em que estamos vão passados dezasseis anos, e continuamos todavia no XII fascículo.

Nomes e competências para continuar o *Inventário* não se pode dizer que abundem, mas não é difícil encontrar duas ou três individualidades e escolher uma delas, conquanto que seja alguém que além da sua familiaridade com a matéria possua também o mínimo de entusiasmo e de vagar para ir para diante, pois em nossa opinião agora já não há tempo a perder.

Urge efectivamente continuar e, continuar será sempre acto de homenagem póstuma a esse grande lisboeta que foi Norberto de Araújo, mas será também, o acto inteligente de um Município que deseje concluir o que está começado, que deseje dotar a estrutura cultural da cidade de Lisboa do seu *Inventário*, com as responsabilidades inerentes a uma terra que é a capital dum Império e com oitocentos anos de história, que se definirá melhor com as próprias palavras de Norberto de Araújo, ditas na citada conferência em 1939:

«Lisboa, como capital de um país pletórico de documentação viva — pertence à nação. Assim todo o seu património é nacional.»

Temos entretanto a considerar — volto a dizer — que o plano inicial comportava 23 temas ou rubricas, mas ninguém poderá asseverar que o programa, se for examinado com um sentido amplo e construtivo não comporte — e não exija mesmo — que alguns outros temas se não devam efectivamente acrescentar-lhe.

Já vimos e examinámos que só a rubrica dos Palácios particulares — um tema portanto — deu matéria para cinco fascículos.

Não se sabe portanto de quantos volumes virá a compor-se a concretização total do *Inventário*. Sabemos apenas — e isso já não é pouco — que do plano inicial há ainda uns dezasseis assuntos por tratar.

Não é isto pequena tarefa para quem haja de assumir a responsabilidade da continuação, mas admito — e outras pessoas o admitem também — que seja cometimento excessivo para uma só pessoa, havendo para tal, a ter em consideração que em dezasseis anos apenas doze fascículos foram dados à estampa.

Sugeria pessoa de muito entendimento — com quem eu estou em inteiro e pleno acordo — que talvez a melhor directriz consistisse em

entregar a parcela do trabalho inconcluso, a dois, ou três, ou mesmo quatro escritores com provas já feitas na especialidade lisiponense à medida das suas inclinações históricas ou artísticas e procurar reunir por esta forma em pouco tempo o original completo, para se retomar a sua publicação a uma cadência determinada, trimestral por exemplo.

É possível que esta nova ordem de trabalho requeresse o dedo de um organizador e para tal ninguém decerto melhor que o Sr. Luís Pastor de Macedo, que em todas as circunstâncias é sempre um organizador e pessoa que leva as suas missões até ao fim.

Se não fora a presente conversa um ameno e inofensivo colóquio, poderia dizer-se mais alguma coisa, quer sobre esse insigne lisboeta que foi Norberto de Araújo quer sobre o seu *Inventário*. Vamos concluir com o voto que aqui ardentemente formulamos de que breve possamos ver retomada a publicação da jóia literária que Norberto de Araújo legou à sua terra natal.

O BAIRRO CAMÕES

por MÁRIO COSTA

Os fundamentos do Bairro Camões datam de 10 de Junho de 1880, tendo constituído um dos números do vastíssimo programa comemorativo do tricentenário do grande épico, cumprido com a entusiástica comparticipação dos lisboetas. Foi a pouco e pouco — muito lentamente, parece — apropriando-se dos vastos terrenos da quinta anexa ao palácio do Conde de Redondo, a Santa Marta, pertença dos marqueses de Borba e condes de Redondo. Do lado poente ia até à Bemposta e para o Norte chegava a S. Sebastião da Pedreira, e era propícia ao cultivo de pomares, searas e vinha, prestando-se o grande pinhal à prática da caça às galinholas e aos coelhos (1).

Varreu-se toda essa fisionomia, logo que o conde de Burnay mandou abrir as ruas cedidas à Câmara Municipal e dividiu os terrenos em talhões, que vendeu a particulares. O mesmo aconteceu com os bairros similares, que encheram os campos da Estefânia, Calvário, Campo de Ourique, Campolide, Barata Salgueiro e da Charca, numa louca absorção de azinhagas, quintas e hortas, empreendimentos de grande monta que muito contribuíram para a expansibilidade urbanística da capital, há poucos anos aumentada com o aproveitamento das quintas de Alvalade. A antiga *Charca*, transformada em bairro novo, tomou o apelido do seu proprietário, Manuel Gonçalves Pereira de Andrade, que impôs como condição dar-se às duas principais artérias os nomes de suas filhas, Maria e Palmira.

Pela sua grande proximidade da Baixa, o Bairro Camões foi dos mais preferidos e habitado em grande parte por uma casta especial,

(1) *Memórias do professor Melo Breyner*, vol. 1.º, pág. 244.

que levou Vieira da Silva a chamar-lhe o «domínio das donzelas sonhadoras». Também serviu de pasto a *revistas* alfacinhas. E Tomás Ribeiro Colaço, que com uma crónica intitulada *O Bairro Camões*, deu início a uma série designada *A Descoberta de Lisboa no ano de 1921*, glosou o denominativo de Vieira da Silva, classificando esse burgo suspeito, «o bairro do amor que a sociedade condena» (2). Já perdeu muitas dessas características, que se transmudaram para as avenidas novas do Areeiro.

Os prédios que compõem o Bairro Camões são banais e incaracterísticos, na sua maior parte, e só um ou outro se distingue por algum jeito de arquitectura. As moradias estão a ser substituídas por prédios de rendimento, de modelo *standard*, ao gosto moderno, fruto da prodigiosa imaginação de jovens architectos...

O Bairro Camões ainda apanhou a época dos *gaioleiros*, de tão triste memória, contra os quais se levantou uma onda de protestos, e um dia lá foi um numerosíssimo grupo de populares, a caminho da Câmara Municipal de Lisboa, expressar a indignação geral.

A Casa solarenga dos condes de Redondo ficou isenta do grande terramoto e ainda está anexa ao que resta da igreja do antigo mosteiro de Santa Marta das religiosas de Santa Clara, da Ordem de S. Francisco, fundado em 1580. A igreja e o convento, que pouco sofreram com o sismo fatal, foram adaptados a Hospital Escolar, funcionando com essa finalidade, até que se inaugurou o Hospital de Santa Maria. Norberto de Araújo deixou uma descrição da velha edificação e das transformações por que tem passado (3).

Duma tribuna do palácio, sobranceira ao altar-mor, assistiam os titulares, sem abandonarem os seus aposentos, às cerimónias religiosas, e muitas delas, rodeadas de grande pompa e abrilhantadas pelos melhores professores de música, foram da iniciativa desses grandes senhores.

O velho imóvel vive da saudade das muitas e belas festas que lá se realizaram, tendo possuído um dos melhores teatrinhos da aristocracia (4). Foi durante algum tempo residência da rainha viúva D. Catarina de Bragança, filha do rei restaurador, depois do seu regresso de Inglaterra e antes de 1702, quando foi habitar o seu palácio da Bemposta.

Entrando em estado decadente, o administrador do vínculo dos Borbas e Redondos, com a garantia do imóvel e da parte rústica, foi levado a contrair um empréstimo no Banco de Portugal, que naquele ano de 1880 se elevava a 71 649\$825, acrescido dos juros de 27 850\$175 (5). Foi então que surgiu o conde de Burnay, o famigerado

(2) *Ilustração Portuguesa*, n.º 817, de 15 de Outubro de 1921.

(3) *Peregrinações em Lisboa*, 1.º 14, pág. 88.

(4) *Memórias do marquês de Fronteira*, vol. 3.º, pág. 259.

(5) Relatório anual.

Topa-a-tudo, em nome da firma Henry Burnay & C.^a (6) à frente de um grupo de indivíduos, constituindo um Sindicato, em que participou o Banco emissor, destinado a adquirir os bens situados em Santa Marta e pertencentes ao 3.º marquês de Borba e 16.º conde de Redondo (D. Fernando Luís de Sousa Coutinho), que também entrou na sociedade. Este titular, consagrado flautista e fundador da Real Academia de Amadores de Música, era pai do apreciado barítono D. Francisco de Sousa Coutinho, figura de prestígio e um tanto popular, muito conhecido pela sua rotunda figura e geralmente apelidado por Chico Redondo (7).

Como se vê, o Banco de Portugal interferiu, de certo modo, na formação do populoso Bairro Camões, que também é conhecido pelo nome de Conde de Redondo, devido à sua origem e ainda porque assim se denomina a sua principal artéria (edital de 11 de Dezembro de 1902).

Voltando ao Sindicato, diremos que teve organização sob a rubrica «Companhia do Bairro Camões», com sede na Rua da Princesa, n.º 10, 1.º e o capital de 160 contos de réis, dividido em acções de 100\$000 réis. Constituíram a direcção, António Joaquim Simões de Almeida, o conde de Mendia e a firma Henry Burnay & C.^a. Do Conselho Fiscal fizeram parte o Banco Comercial de Lisboa, o conselheiro Ernesto Driesel Schroeter e o marquês de Borba. E formavam a Mesa da Assembleia Geral, o conselheiro Augusto Gomes de Araújo (presidente), Manuel Joaquim Alves Dinis, Eduardo Ferreira Pinto Basto e Manuel Evaristo Pires. Entrou em liquidação no ano de 1904.

O palácio permanece de pé, mas em condições bastante precárias, tendo chegado a servir, na maior parte, de logradouro de gente pobre. A porta n.º 118 dá entrada a um pátio solarengo, com um poço ou cisterna, e serve de recolha a carros de uma agência funerária. Nos pisos superiores, as Escolas primárias n.ºs 36 e 37, a Assistência Infantil e a Cantina Escolar da freguesia.

O camartelo já levou outro palácio, fronteiro ao anterior, e que pertenceu à condessa de Edla, a quem o rei D. Fernando desposou, em 2.ªs núpcias. No seu lugar, abriu-se a embocadura da Rua Alexandre Herculano, obra camarária do ano de 1939.

Atentemos agora na intervenção das terras do futuro Bairro Camões, nas festas do tricentenário do maior cantor das nossas glórias. Além da cerimónia simbólica, efectuada no dia de Camões, foi de grande festa a noite seguinte, com brilhante iluminação, de que *O Ocidente* deu uma interessante perspectiva, em desenho do natural por Casanova, gravura de Alberto (8). A 4 de Julho, num grande pavi-

(6) Fundada poucos anos antes, em 1875.

(7) Com o 17.º conde de Redondo casou uma filha de Constant Burnay, negociante e proprietário em Lisboa, tio do 1.º conde de Burnay.

(8) *Lug. cit.*, 15 de Julho de 1880.

lhão que se levantou no jardim do palácio, realizou-se um enorme banquete, oferecido à Comissão composta de industriais, comerciantes, artistas, escritores, numa palavra, representantes de todas as profissões, em testemunho de reconhecimento pelo esplendor que atingiu a chamada festa da raça. E também, a-propósito, a supracitada revista literária inseriu outro expressivo desenho, obra dos mesmos artistas (9).

(9) *Idem*, 4 de Julho de 1880

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS

317 MIL CONTOS

CORRESPONDENTES EM TODO O PAIS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 - Lisboa - Tel. 2 03 81

NOVA LISBOA

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

ANGOLA — terra portuguesa desde que, pelos princípios de 1483 e quando reinava el-Rei D. João II, Diogo Cão fez erguer na ponta sul do rio Zaire o padrão de S. Jorge e no cabo de Santa Maria o padrão de Santo Agostinho — debruça-se sobre o Oceano Atlântico numa extensão de cerca de 1.625 quilómetros da costa oeste do continente africano e ocupa uma superfície de 1.246.700 quilómetros quadrados, área catorze vezes maior do que a da metrópole e superior ao total da soma das de todas as outras terras do ultramar português. Angola é, assim, a nossa mais vasta província ultramarina. Mas, também, sob alguns aspectos, a mais rica, talvez a mais portuguesa e a que, por excelência, melhor documenta o esforço civilizador da grei lusíada.

Iniciada, simultâneamente com a sua evangelização, uma acção política de alianças e de protectorados, que se estende até aos meados do século XVI, seguem-se as primeiras medidas para a ocupação do território; luta-se durante a usurpação castelhana do reino, luta-se quando Salvador Correia de Sá e Benevides expulsa os holandeses e reintegra definitivamente Angola na soberania portuguesa. E a lutar se continua, hoje menos, amanhã mais, mas então contra gentios rebeldes que vão sendo sucessivamente dominados, permitindo, assim, a ocupação efectiva, a consequente criação dos meios indispensáveis ao desenvolvimento económico da província, e a expansão das Missões Católicas, valiosíssimos agentes civilizadores.

Hoje, a terra angolana apresenta-se com um aspecto denunciador de uma vida altamente progressiva, tendo razão em ufanar-se das suas belas e modernizadas cidades, de uma perfeita rede de transportes — ferroviários, rodoviários e aéreos —, dos seus movimentados portos, da sua agricultura, comércio e indústria. Rica e variada a fauna, inumeráveis as espécies valiosas da flora, riquíssimo o subsolo, de onde se extraem diamantes, cobre, manganés, urânio, petróleo, etc.

★

Sob o ponto de vista orográfico a província de Angola caracteriza-se por uma faixa, ao longo do litoral, de terrenos de reduzida altitude, em cuja constituição predominam os calcários; a esta segue-se, em posição quase paralela, um cordão de configuração montanhosa. Prolongando-se para além deste último estende-se uma série de encostas de certo modo suaves, onduladas e cortadas por cursos de água, que formam as regiões planálticas do centro da província, as quais, gradualmente, vão depois diminuindo de altitude em direcção a leste.

São em número de três os principais planaltos da província de Angola: o de Luanda, também designado de Malange, o de Benguela e o de Moçâmedes. Destes, só o segundo — o de Benguela — nos interessa. Nele se situa, a altitudes que oscilam entre os 1.500 e os 1.850 metros e desfrutando de uma posição que não é exagero classificar de privilegiada — vastas possibilidades económicas, comunicações fáceis, clima ameno e temperado, magníficas condições para a fixação do branco — o distrito do Huambo.

Com uma superfície total de 30.600 quilómetros quadrados, em cuja área nascem dois dos mais importantes rios de Angola: o Cunene e o Cubango, uma notável produção agrícola, indústrias em franco desenvolvimento, um comércio importante e uma densidade populacional — 18,53 habitantes por quilómetro quadrado — de longe a mais alta de toda a província, o distrito do Huambo pode, sem qualquer exagero, orgulhar-se da posição de realce que ocupa no panorama geral de Angola.

Mas as coisas nem sempre correram assim. Se nesta zona do Huambo há nos dias que passam, paz, liberdade e progresso, até 1902 a situação apresentava-se de forma assaz diferente pois que a nossa ocupação era bem precária, pouco mais do que nominal.

Criado um ambiente insustentável de roubos, razias, incêndios e assassinios em toda a vasta região do Bailundo, onde o gentio se encontrava em franca rebelião — a que o soba do Huambo não era estranho, pois o Huambo era o fulcro de todas as conspirações contra a nossa autoridade e o asilo de todos os régulos insubmissos — impunha-se uma reacção enérgica antes que fosse tarde, pois que na sombra havia quem cobiçosamente fosse seguindo os acontecimentos e, talvez, até os incentivasse. Indispensável se tornava, pois, dominar a revolta, de forma que o nosso domínio constituísse uma verdade e que de tal resultasse uma pacificação duradoura.

Para o efeito foram organizadas 2 colunas: uma chamada «coluna do Norte», do comando do, ao tempo, capitão de artilharia Pedro Massano de Amorim; outra designada por «coluna de Caconda», mas que ficou conhecida por «coluna do Sul», comandada pelo então capitão de infantaria e governador de Benguela, Joaquim Teixeira Moutinho.

Ocupar-nos-emos apenas desta última, que, saída de Benguela a 22 de Junho de 1902, composta por 215 homens, duas peças, uma metralhadora, carregadores e carros boers, atinge Caconda nos começos de Julho e aí aguarda que se lhe juntem os dragões da Humpata e alguns auxiliares. Larga de Caconda a 1 de Agosto, agora com um efectivo de 400 homens. Seguindo itinerário diverso do inicialmente previsto, a 19, pelo amanhecer, atinge as libatas de Quissala que o gentio abandonara e segue então rumo ao Huambo através de áspero terreno. Depois de algumas horas de marcha fatigante, trava-se combate de curta duração mas renhido. A meio da tarde a coluna atinge o cimo do monte a 1.840 metros de altitude. Algumas granadas de artilharia espalham o pânico entre o gentio, que foge deixando morto no terreno o soba grande Libangue. Queimaram-se umas dezenas de libatas e fizeram-se inúmeros prisioneiros. A lenda do Huambo — insubmisso e imbatível — principiava a desfazer-se.

As primeiras horas da manhã de 9 de Setembro, a coluna investe os morros de Ganda-la-Caul. Estes são constituídos por duas pirâmides truncadas, de altura e bases de grandes dimensões, cortadas por galerias interiores, onde o gentio se instalara, e rodeado o seu semiperímetro por grandes blocos de pedra. Trava-se fogo violento de parte a parte até que os nossos soldados escalam os morros, de que se apossam à baioneta. Praticam-se autênticos actos de heroísmo! Por fim os rebeldes rendem-se e deixam em nosso poder cerca de 400 prisioneiros.

A 18 e 19 tem lugar a acção de Candumbo, o combate mais rude, sangrento e demorado da campanha.

A embala de Candumbo constituía uma posição estratégica da maior importância, visto que o gentio dela se servia como ponto de apoio para os seus latrocínios, os quais incidiam, especialmente, sobre os carros que transitavam pelo próximo cruzamento de caminhos em direcção ao Bié e ao Bailundo. E não só por isso mas também por ser de considerar como uma posição forte. Formada por rochedos gigantescos cuja disposição facultava um óptimo abrigo aos seus defensores, que se aproveitavam das fendas e interstícios como se de seteiras se tratasse, era ainda rodeada por uma palissada de pau a pique com 2 metros de altura e 800 de circunferência, e reforçada, numa extensão de 650 metros, com um revestimento de barro de um metro de espessura. Não faltava, também, o fosso interior.

A luta dura dois dias. O gentio defende-se com uma tenacidade suicida pois prefere morrer a render-se. Ao cair da noite do primeiro dia, os nossos bravos soldados, sem comer, conseguem cercar a embala, mas a violência do combate nem mesmo assim esmorece. A 19, aumenta de intensidade. Descoberto um ponto fraco no sistema defensivo do gentio, é desencadeado por aí um ataque de surpresa. A um sinal dado o rochedo é escalado e nada, nem ninguém, resiste ao bravo ímpeto da nossa gente. A embala cai, por fim, em poder da coluna. No campo, para cima de 300 mortos inimigos, entre os quais o próprio soba do Candumbo. Mas portugueses também por lá ficaram alguns, se bem que poucos.

Com este combate a «coluna do Sul» encerrava a sua brilhante acção.

A soberania portuguesa deixava de ser uma palavra vã, o prestígio da autoridade tornava-se um facto, a paz estava assegurada.

Quando, na Quissala, o comandante da coluna, capitão Teixeira Moutinho — que por seus feitos nesta campanha recebeu a comenda da Ordem Militar da Torre e Espada — mandou levantar o forte Cabral Moncada, mal poderia antever que tal gesto viria a originar a criação e a formação de uma grande cidade.

A partir de então, em pleno ambiente de paz, na região se vai fixando um número sempre crescente de colonos. O comércio e a agricultura desenvolvem-se.

Paiva Couceiro, governador-geral de Angola, fixa a sua atenção no Huambo e, visionando as suas grandes possibilidades, determina em 1909 primeiro a criação de um Comando Militar e depois o estabelecimento de

uma granja agrícola que, no próprio dizer da respectiva portaria, se destinava a «preparar, ao avanço da colonização segundo a directriz da via férrea de Benguela, a escola de ensinamento agrícola indispensável à segurança dos seus primeiros passos».

Dois anos andados um decreto promulgado pelo Governo Provisório do novo regime transformou o Comando Militar do Huambo em Concelho, ao que se segue a criação de uma Comissão Municipal.

A 8 de Agosto de 1912, sendo governador-geral Norton de Matos, é, por determinação sua, criada a cidade do Huambo, que ele próprio inaugura em 21 de Setembro seguinte. A cidade limitava-se, então, a uma modesta



Nova Lisboa — *Praça Salazar*

casa desmontável, simultaneamente residência do administrador e de sua família e sede dos serviços oficiais, e a um barracão de madeira que fazia de estação do caminho de ferro. Os colonos viviam espalhados por alguns quilómetros ao redor.

Mas a cidade, em rápida caminhada, foi crescendo sempre e de tal forma que em 15 de Março de 1926 o alto-comissário Vicente Ferreira

— lisboeta de nascimento — extingue a Comissão Municipal e cria, em sua substituição, uma Câmara Municipal. E, em 1928, ao ser promulgada a Carta Orgânica de Angola, esta determina, logo no seu artigo 1.º, que a capital da província fosse estabelecida na cidade do Huambo, que receberia o nome de NOVA LISBOA. A transferência da sede da província, porém, ainda não se efectivou.

Em Junho de 1954, com o fim de comemorar a visita do Chefe do Estado a Nova Lisboa, um diploma legislativo ministerial confere à cidade o privilégio de usar escudo de armas e bandeira própria, constituídas como segue:

Armas — Em campo vermelho, semeado de espigas de milho de ouro folhadas de prata, um castelo de prata, aberto e iluminado de vermelho. Em chefe o brasão da cidade de Lisboa. Coroa mural de prata, de cinco torres. Listel branco, tendo inscrito, em caracteres negros: «Cidade de Nova Lisboa».

Bandeira — Gironada de branco e negro. Cordões e borlas de prata e de negro. Lança e haste douradas.

★

Nova Lisboa, apoiada no espírito empreendedor e entusiásticamente bairrista dos seus habitantes, é hoje uma grande cidade, de vida intensa, prometedoras possibilidades e cheia de encantos, enriquecidos por um clima considerado dos melhores do mundo, um límpido e sereno céu, muitas árvores e muitas flores.

À cidade não falta uma Baixa de características essencialmente comerciais contrapondo-se à Alta das residências e das repartições públicas e, ainda, a dois bairros surgidos recentemente: o Bairro Azul e o Bairro de Fátima.

Mas, na sua periferia e integrados, como prescreve o foral, na área urbana assentam outros bairros: S. João, uma cidade em miniatura; outra, o Ferrovia; Benfica, estendido ao longo de uma extensa rua; o bairro económico de S. Pedro, airoso e modernista nas suas linhas; Santo António, já na extrema, próximo dos quartéis; Cacilhas, para lá da bela cortina florestal; O Bairro Militar, S. José, Bartolomeu, Aviação, Mocolocolo e Cavongue. Excluídos estes bairros, a cidade, num delineamento perfeito,

desdobra-se por 14 avenidas, 1 largo, 59 ruas e 9 praças. Entre estas últimas a praça de Lisboa, situada no coração da Baixa e formada por um jardim e pelas ruas circundantes. Debaixo do ponto de vista arquitectónico a cidade apresenta um aspecto bastante agradável, existindo mesmo bons edifícios, de entre os quais são de destacar: a Catedral, os Paços do Concelho, a Associação Comercial, o Banco de Angola, A Mutualidade de Angola, etc.

Sem pretendermos historiar em que se tem cifrado, nos 48 anos de existência de Nova Lisboa, a acção notável da sua municipalidade, injusto seria, porém, não deixar aqui apontados, pelo menos, alguns números que reputamos de claramente elucidativos.

Em 1912 — ano em que Norton de Matos criou a cidade — a receita municipal prevista ia a cerca de 16 contos de réis. Em 1959 fixava-se em 23.500 contos, sendo 21.500 de receita ordinária e 2.000 de extraordinária, com um montante igual de despesas.

De entre estas, como bem demonstrativas de uma criteriosa administração municipal, são de salientar as que seguem:

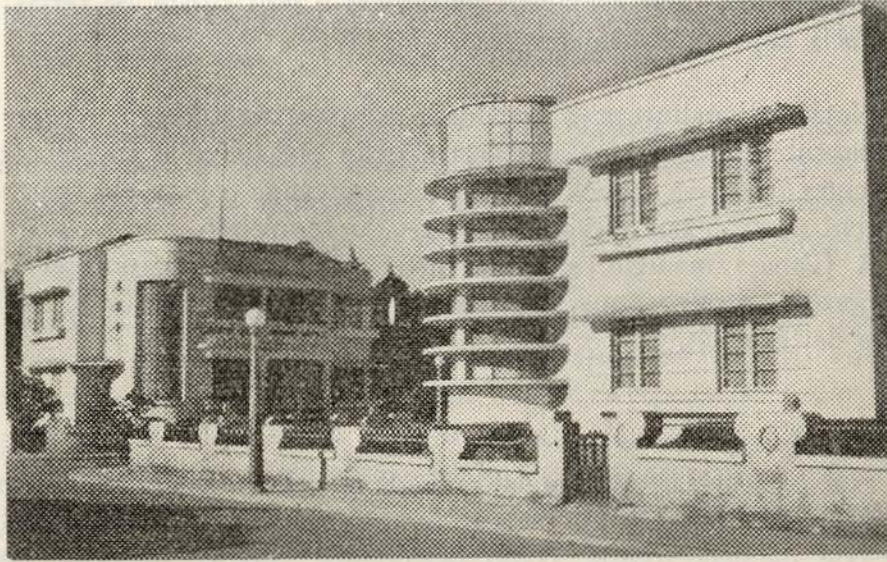
Asfaltagem de pavimentos	2.000.000\$00
Salubridade	45.250\$00
Assistência médica	67.680\$00
Transportes colectivos	613.000\$00
Bolsas de estudo	87.000\$00
Subsídios a instituições de assistência	237.000\$00
Subsídios a clubes desportivos e de recreio	146.000\$00
Bombeiros voluntários	130.000\$00
Obras novas	753.000\$00
Parque e estufa fria	300.000\$00
Serviços de água e luz	2.465.000\$00
Serviços culturais	85.500\$00

Aos seus serventuários fornece a Câmara, gratuitamente, água e energia eléctrica e para eles criou e mantém uma caixa de pensões e de reforma e um fundo para a construção de casas, das quais cinco em vias de edificação. E ainda a todos os funcionários e servidores do Estado e do Município, aos naturais da cidade e aos habitantes com longa residência concede descontos na compra de talhões destinados a moradias, descontos que vão até 80 %.

Um mercado, matadouro municipal, uma central leiteira e modernas câmaras frigoríficas não faltam em Nova Lisboa, como também não falta,

num dos parques da cidade, um pequenino mas gracioso jardim zoológico, onde se exibem alguns dos mais representativos exemplares da fauna angolana. Noutra praça vai adiantada a construção de uma vasta estufa fria, com sala de exposições e auditório para concertos.

Das ruas e praças de Nova Lisboa não andam ausentes os monumentos evocativos. Na praça do Mercado ergue-se a estátua de Vicente Ferreira (o alto-comissário que à cidade do Huambo resolveu chamar Nova Lisboa); outras praças ostentam os bustos de três grandes poetas da língua portuguesa: João de Deus, Antero de Quental e Augusto Gil.



Nova Lisboa — *Moradias*

Monsenhor Keiling, o bondoso missionário, grande amigo de Portugal e de Angola, também numa praça com o seu nome tem um monumento. Estátuas de arte e figuras alegóricas povoam o jardim marginal da avenida Cinco de Outubro e em curso as últimas diligências para o levantamento de uma memória a Norton de Matos — o fundador da cidade.

Relevante, sem favor, a acção do Município neolisboeta nos domínios da cultura.

O seu Departamento dos Serviços Culturais, criado em 1948, desdobra-se em seis secções: Biblioteca com cerca de 4.500 volumes; Biblioteca Infantil, ao ar livre, com 374 volumes; Gabinete Histórico, onde se arrecadam documentos e relíquias dos tempos da ocupação; Centro Cultu-

ral, com o encargo de promover conferências, exposições e outras actividades similares, a que últimamente foi acrescentado um Centro de Estudos; Museu de Arte Indígena e Comissão de Turismo.

Nos curtos anos da sua existência aquele departamento promoveu e patrocinou: vinte e cinco conferências, palestras e alocações; vinte e uma exposições de pintura e desenho; cinco de fotografia, uma de escultura, duas de caricaturas, três bibliográficas, uma de autógrafos, uma de ex-libris, duas de flores, uma de aves canoras e ornamentais, uma de numismática, uma filatélica e uma de recordações históricas; um concurso fotográfico; dois concertos; um espectáculo de declamação e um infantil; cinco concursos literários; duas romagens patrióticas e dois cursos de férias, com assistência superior a cem ouvintes.

Notável, igualmente, a actividade editorial da Câmara. O que fica sucintamente exposto bem demonstra quão elevado é o índice cultural das gentes de Nova Lisboa e como o compreende e para ele largamente contribui a acção dos serviços culturais do Município.

A Câmara mantém, sob sua directa administração, um serviço de transportes colectivos que, utilizando confortáveis autocarros, cruza a cidade de lés a lés.

★

Por se encontrar praticamente situada no centro geográfico de Angola dizem que Nova Lisboa é o coração da província, e está certa tal imagem, pois que daquela irradia, como descomunal sistema vascular, vasta e completa rede de comunicações.

Do exame, mesmo de relance, de um mapa de Angola salta à vista, de forma flagrante, a importância da rede rodoviária que parte de Nova Lisboa, semelhando uma teia de aranha, e que assegura comunicações fáceis não só com o litoral mas ainda com o Norte, Leste e Sul.

Dotada de um óptimo campo de aviação, localizado a dois quilómetros da cidade, Nova Lisboa dispõe de ligações aéreas frequentes com Luanda, Lobito, Sá da Bandeira, Silva Porto, Vila Luso, Caconda, etc. Alguns números bem eloquentes: em 1952 pousaram ali 430 aviões, trazendo cerca de 1.100 passageiros, e levantaram voo 428 aparelhos, levando 850 passageiros.

A linha do Caminho de Ferro de Benguela, que do Lobito à fronteira tem uma extensão total de 1.340 quilómetros, também serve Nova Lisboa.

Ali tem a companhia um importante grupo officinal, considerado como o mais bem apetrechado de todo o continente africano, estando para breve o início de construção da nova estação, edifício projectado para corresponder inteiramente às exigências do meio e à categoria urbanística da cidade.

Tão densa e completa rede de comunicações não podia deixar de influir favoravelmente na economia da cidade. Por isso, Nova Lisboa é considerada uma das mais importantes praças de Angola, com um volumoso movimento comercial e bancário.

★

Mas outros aspectos da vida de Nova Lisboa nos parecem dignos de ser anotados. A alguns, muito embora imperfeitamente em relação à sua importância, nos vamos referir fugindo tanto quanto for possível à monotonia dos números, que apesar disso não deixam, em muitos casos, de ser bem expressivos.

Os serviços de saúde de Nova Lisboa exercem a sua acção através de um hospital central, um dispensário de puericultura, outro antituberculoso, e quatro postos sanitários nos bairros. O primeiro é um grande hospital de 300 camas — 80 para europeus e assimilados, 220 para indígenas — instalado num magnífico edifício onde se despenderam até Março de 1959 cerca de 40.000 contos, continuando ainda as obras de construção, o que não impede o seu normal funcionamento. Provido do indispensável corpo clínico e dotado do mais moderno e completo apetrechamento, a actividade hospitalar — desde a sua inauguração em 1957 até Março de 1959 — traduz-se, em parte, nos seguintes números: consultas externas 30.031, dando lugar a 214.358 tratamentos e curativos e a 97.246 injeções. Doentes hospitalizados 2.226. Radiografias 2.629, intervenções cirúrgicas 606, 15.866 análises clínicas e mais de 20.000 vacinações, incluída a recente antipoliomielítica.

Os dispensários dispõem igualmente de boas instalações e de adequado material. No de puericultura funciona um serviço de assistência social. De iniciativa particular existe também uma casa de saúde, instalada em edifício próprio.

O problema da instrução também está bem resolvido em Nova Lisboa, e o ensino é ali ministrado num liceu nacional, numa escola

comercial e industrial e em sete escolas oficiais de ensino primário e sete particulares.

Para o liceu, que, por enquanto, se encontra instalado, a título provisório, no rés-do-chão da Associação Comercial e num andar da casa Lelo, está em vias de construção um magnífico edifício.

No ano lectivo de 1958-59 ali estiveram matriculados 330 alunos, dos quais 148 europeus, 158 africanos, 14 mestiços e 10 pretos. Os sexos encontravam-se representados por 192 rapazes e 138 raparigas.

A Escola Industrial e Comercial de Sarmento Rodrigues dispõe de vastas e modernas instalações. O número de alunos matriculados no ano lectivo de 1958-59 foi no total de 317, sendo 222 rapazes e 95 raparigas.



Nova Lisboa — *Palácio do Comércio e edifício Lello*

Em Nova Lisboa tem sede um dos mais importantes bispados da província e na sua área se localizam numerosas missões católicas, a maioria delas dispendo de escolas de adaptação e todas exercendo uma nobre e eficiente acção civilizadora. Ali se situam também, além das 3 paróquias religiosas em que a cidade se divide — Nossa Senhora da Conceição, Coração de Maria e Santo António de Benfica —, o Seminário Maior de Cristo-Rei, uma escola profissional, dois colégios — o de Alexandre Herculano, da Congregação do Espírito Santo, para o sexo masculino, o de S. José de Cluny para raparigas — e a Casa dos Rapazes, instituição de assistência, com sua igreja, escola e instalações pecuárias.

Confirmando a vincada tendência dos neolisboetas para as iniciativas de largo alcance, merecem ser aqui apontadas três grandes realizações:

A Mutualidade de Angola, o maior instituto do género em toda a província, com 6.000 associados; a cooperativa para construção de casas «A Nossa Casa», com um número de 200 moradias já construídas num valor total de mais de 40.000 contos, e a primeira e única caixa cooperativista de Angola — A Caixa de Crédito do Huambo.

A actividade desportiva de Nova Lisboa reflecte-se na existência de duas associações — a de futebol e a de desportos — e oito clubes para a prática de várias modalidades.

Na cidade publica-se um jornal, «A Voz do Planalto», e funciona regularmente uma estação radiodifusora a cargo do Rádio Clube do Huambo.

★

A privilegiada situação geográfica do distrito do Huambo, nó de um sistema de comunicações sem par na província de Angola, dispondo de largas possibilidades de abastecimento e distanciado alguns centos de quilómetros das fronteiras terrestres e marítimas, confere-lhe uma importância estratégica que não será de mais pôr em evidência. Por isso Nova Lisboa é, como não podia deixar de ser, sede de uma cidade militar, onde se aquartelam várias unidades e onde funcionam escolas de formação de oficiais e de graduados, o todo dispondo do necessário campo de instrução. Na cidade localiza-se ainda um bairro residencial para militares.

★

Nova Lisboa, além do mais, constitui ainda o centro de uma zona das mais favoráveis debaixo do ponto de vista turístico. De entre vários locais dignos de serem visitados e admirados, apontamos:

Forte de Quissala — Salvo de ruína iminente há alguns anos; do seu miradouro desfruta-se um deslumbrante panorama sobre a cidade e arredores;

Barragem do Rio Cuando — Interessante obra de engenharia hidráulica, construída pela Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela para fazer face às necessidades do seu grande núcleo oficial em Nova Lisboa, às de outras grandes instalações e às da própria cidade. Foi a primeira que se construiu em Angola e a albufeira, com uma capacidade de 14 milhões de metros cúbicos, permite a prática de todos os desportos náuticos;

Candumbo — A majestosa fortaleza natural onde se travou um dos combates da campanha de 1902;

Ilha dos Amores — Um recanto edénico no rio Quito;

Lépi — Um autêntico sanatório de altitude, cujas águas, puríssimas, são bastante afamadas;

Quipeio — Que designam de Suíça sem neve, com suas deslumbrantes montanhas e um clima de sonho; e ainda,

Vila Robert Williams, denominada Rainha do Milho, *Vila Verde*, importante centro agrícola, *Longonjo*, com as suas indústrias cerâmicas e as belezas naturais do rio Cuiva, *Vila Flor*, importante centro hortícola com possibilidades de prover ao abastecimento de toda a província de Angola, etc.

★

A criação do Distrito de Huambo, como circunscrição administrativa autónoma, velha e justíssima aspiração das gentes do Planalto, reporta-se a 20 de Outubro de 1954, data em que foi promulgado o decreto que a determinou. Mais tarde, por outra providência legislativa datada de 19 de Fevereiro de 1955, foram fixados os limites do novo distrito, ficando nele integrados os concelhos do Huambo, Bailundo e Caala, a que há pouco tempo se juntou o de Bela Vista, desmembrado do segundo.

Desde Julho de 1955 que, com vincada distinção, vem governando o distrito o senhor Coronel Manuel Nascimento Vieira.

★

Se alguém entender que dissemos pouco do muito que Nova Lisboa merece que dela se diga, pedimos-lhe para considerar que, além de outras causas, duas fundamentalmente influíram para que quanto fica dito tivesse resultado em demasia insuficiente: o nosso desconhecimento pessoal da cidade e do seu distrito, e a carência de faculdades próprias para fazer frente a uma tarefa que merecia, se o Destino a isso se não tivesse oposto, fosse tomada em melhores mãos.

Mas, lisboetas apaixonados como somos, compreendemos e admiramos o amor dos neolisboetas — nossos patrícios de eleição — pela sua cidade, o seu entranhado e construtivo bairrismo. De aqui lhes dirigimos as nossas mais sinceras e cordiais saudações e muito do coração fazemos votos

por que Deus guarde Nova Lisboa de maus olhados para que ela, (a Cidade - Menina como carinhosamente uns lhe chamam ou Cidade - Jardim como também é conhecida) possa serena e firmemente prosseguir na incessante e profícua labuta pelo seu progresso, para bem das suas gentes, para sua glória, que o mesmo é dizer: para maior glória da boa terra portuguesa.

Esta conferência realizou-se na sede em 31 de Março de 1960. A mesa que presidiu à sessão era composta por:

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves, Dr. Alberto Gomes e Joaquim Pascoal Rodrigues.

A abrir a sessão o presidente disse:

«Esta sessão de hoje é mais evocativa que histórica.

No exercício deste meu lugar de Secretário-Geral, que alguns julgam que é um emprego, mas que afinal é uma distração «sui-generis» porquanto encontram-se frequentes críticos e raros colaboradores. Uma espécie de masoquismo cultural.

Quando solicitados, alguns amavelmente acedem, o que é muito de agradecer, mas quando a colaboração vem espontânea mais de agradecer é. Ora, o tema da conferência de hoje surgiu espontaneamente do falecido consócio Sr. Brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento, sempre solícito, amável e modesto a despeito do seu alto valor e cultura. Era o Brigadeiro Nascimento o nosso sócio n.º 102, foi membro dos nossos corpos gerentes e perdura ainda entre nós a recordação da lhaneza do seu trato, da delicadeza e lealdade das suas atitudes.

Porque não quisemos deixar de vincar o nosso agradecimento pela sua colaboração envidámos os esforços para que a sua iniciativa tivesse realização. E, assim, fizemos incluir no Relatório do ano findo que a Junta Directiva e posteriormente a nossa Assembleia Geral aprovou o relato sucinto de como ela nasceu e o propósito da sua realização, que nós ainda por homenagem a ele cometemos a seu irmão o nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, que decerto penosamente mas solícitamente acedeu e aqui lho agradecemos.

Durante uns minutos vai falar-se, nesta sala, de Nova Lisboa, estão expostos documentos que as autoridades locais nos enviaram a pedido directo do Brigadeiro Nascimento, a cuja memória agradecemos o interesse por esta agremiação logo quase desde a primeira hora.

Tem a palavra o irmão do homenageado.»

LISBOA

FORJAR etimologias partindo da ressonância da leitura do termo de que se pretende explicar a origem, a par das sugestões que nos dá a sua grafia, é obra de habilidosa paciência, mas raro conduz à verdade.

Ensinou-nos Adolfo Coelho, nosso professor de Filologia Românica que todas as etimologias tentadoras, por aparentemente fáceis, deduzidas por esse método, tinham de se dar por erradas. E os exemplos não faltam. *Borratém* que se quis derivar da água que tinha borra; *Lumiar*, da junção de «lume» e «ar» que já se filiou numa inventada frase do rei D. João V, numa das suas viagens de aventura a Odivelas; *Cedovim* que algumas imaginativas entroncaram num dizer da Rainha Santa Isabel, surpreendendo o monarca num passo condenável (topónimo muito anterior a D. Diniz), e outros termos designadores de povoados e locais, tem uma origem muito diferente da que deriva das sugestões de uma leitura fácil.

O topónimo *Lisboa*, cuja origem continua desconhecida (o romano *Olisipo* é a sua primeira forma averiguada) não pode resultar de «Água boa» grafada em *Lixboa*, como já foi aventado, e muito menos de «Aluxbona», em alusão à luz boa da cidade do Tejo, como se aventou agora.

Para esta estranha etimologia, de absurda intenção nacionalista (?), há que opor apenas uma pergunta.

Onde se encontra e o que significa na linguagem luso-ibérica este topónimo? Creio que ninguém saberá como se dizia *luz* e *boa* em lusitano.

A hipótese está fora da mais comesinha realidade histórico-filológica. A argumentação do ideador da nova fantasmagoria etimológica, carece de qualquer fundamento aceitável. Passar de um inconcebível *Aluxbona* luso-ibérico (?) para o *Olisipo* romano é tarefa homérica para todos os filólogos do mundo.

M. S.



Feira da Ladra

Oferta

EM 25 de Fevereiro último, um amigo, que se remete modestamente ao anonimato, enviou-me cinco pacotes com livros e uma carta em que diz: «para a Biblioteca do Grupo envio uns livrecos».

Os «livrecos», são outra classificação modesta, que não podendo ser agradecidos directamente, aqui se agradecem.

São noventa e cinco volumes e folhetos, valiosos e interessantes de que me permito destacar, a colecção encadernada do *Archivo Popular*, 7 volumes (1837-1843), a colecção encadernada de *Atlantida* (1915-1927), as cartas do *Conde de*

Raczinski a Ferdinand Denis, 1932, publicadas pelo Coronel H. Ferreira Lima, espécies comoneanas, de arqueologia, memórias lisboetas e catorze Almanques olisiponenses e outros (1866-1906), além da primeira edição de «O Morgado de Fafe Amoroso», Lisboa 1865, do nosso grande Camillo, e do «In Memoriam» de Francisco Suárez, Coimbra 1897.

São muito de agradecer e louvar estes gestos altruistas, que aqui se louvam e agradecem, ficando a oferta em lugar que merece na nossa Biblioteca para seu enriquecimento e consulta dos nossos consócios.

E. N.



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA — O acto inaugural da estátua a Eça de Queiroz, no Largo do Quintela, em 9 de Novembro de 1903. Entre a multidão vêem-se alguns alfacinhas bem conhecidos nesse tempo e, num estrado, à direita, a figura de Ramalho Ortigão, pronunciando o discurso inaugural.

ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

A nossa actividade em 1960 começou com a visita ao jornal *O Século* que se realizou na noite de 17 de Janeiro, e em que foram visitadas todas as instalações do jornal em movimento. Em nome dos directores de *O Século* foram os «Amigos» recebidos pelo chefe da Redacção, o nosso consócio Sr. Acúrcio Pereira, que apresentou cumprimentos e fez um rápido bosquejo da vida de *O Século* desde 1881 até à actualidade.

O nosso director-Tesoureiro, Sr. Hugo Raposo, em nome da direcção do Grupo e em representação especial do nosso secretário-geral agradeceu as boas-vindas e referiu as actividades e serviços prestados à cidade pelo jornal *O Século*. Seguidamente o inspector, Sr. Machado, acompanhou os visitantes, cerca de duas centenas, na visita às instalações.

Na quinta-feira 28, realizou-se a Assembleia-Geral ordinária que discutiu e aprovou o Relatório da Junta Directiva e o Parecer da Comissão de Contas que se publicam neste número.

No dia 30 de Janeiro e no dia 7 de Fevereiro, realizaram-se visitas de estudo ao Palácio Nacional da Ajuda. Esta visita, sempre muito pedida e desejada, reuniu mais de 300 pessoas que apreciaram não só as ricas preciosidades e instalações do Palácio como as eruditas explicações do seu conservador, o Sr. Dr. Manuel Cayola Zagalo que a todos fez o resumo da história do Palácio e do seu recheio. Os visitantes foram acompanhados pelo nosso Secretário-Geral.

A 11 de Fevereiro, realizou-se a 32.^a sessão de «Colóquios Olisiponenses» em que o nosso director-Tesoureiro, Sr. Hugo Raposo, dissertou sobre «Norberto de Araújo e o *Inventário de Lisboa*», cujo

texto se publica neste número, e o nosso consócio, Sr. Luís Bonifácio, falou sobre «As três casas dos bicos da Europa», *Ferrara, Segovia e Lisboa*, sendo a sessão presidida pelo vice-presidente da Junta Directiva, o Prof. Dr. Joaquim Fontes.

Nos sábados 13 e 20 e nos domingos 14 e 21 de Fevereiro, cerca de quinhentas pessoas (sócios e suas famílias), visitaram o *Micro-Jardim* que na Avenida da República, 104, r/c. dir., o nosso consócio Sr. Fernando de Figueiredo há 12 anos criou e mantém. Original exposição de plantas minúsculas criadas nos mais variados e alguns também minúsculos recipientes.

Em Março, a nossa actividade cultural iniciou-se com uma sessão cinematográfica, realizada no Salão de cinema (antigo Salão Foz) do Secretariado Nacional de Informação, que nos foi gentilmente cedido, bem como os 3 filmes exibidos sobre Açores e Madeira. Sobre os filmes apresentados, dois dos quais a cores, o nosso consócio Sr. Dr. Francisco Félix Machado (pai), fez a abrir a sessão algumas interessantes considerações. Com esta realização se encerraram as actividades subsequentes da nossa visita cultural àqueles arquipélagos, realizada no ano findo.

A 20 e 27, realizaram-se duas visitas de estudo ao Museu de Arte Contemporânea que reuniram cerca de tresentas pessoas. Obsequiosamente prestou-se a dirigi-las o nosso consócio Sr. Armando de Lucena, o erudito Professor da nossa Escola Superior de Belas Artes, que pronunciou interessantes palavras de abertura e notas explicativas, verdadeira lição de história de Arte no referente ao recheio do Museu. Estas visitas a Museus podem e devem repetir-se porquanto os objectos expostos variam periódicamente e assim se pode conhecer o variado e rico recheio de cada um.

A 31, realizou-se, na sede, uma conferência pelo nosso consócio Sr. Ferreira do Nascimento, sobre «Nova Lisboa» (tema sugerido por seu falecido irmão o Sr. Brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento). Como no Relatório da Junta Directiva, que neste número se publica, se refere, foi resolvido convidar o Sr. Ferreira do Nascimento para, como homenagem a seu falecido irmão, não deixar de se realizar a sua sugestão, para que, a seu pedido, largamente contribuíram em documentos e publicações as instâncias oficiais de Nova Lisboa. À conferência, que reuniu grande número de associados, seguiu-se uma exposição dos documentos e publicações recebidas de Nova Lisboa e outros trazidos pelo conferente, que foram interessadamente apreciados e durante dias estiveram expostos na sede. Foi uma magnífica realização em que simultaneamente se relembrou o interesse que, enquanto foi vivo, sempre manifestou pelo Grupo o Brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento e se evocou a vida e a história daquela cidade da nossa Província Ultramarina de Angola, cujo nome e armas tanto lembram a capital do Império.

E. N.

Assembleia Geral de 1960

RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA

Ex.^{mos} Consócios.

Conforme o prescrito no Art. 33.º dos nossos Estatutos temos a honra de apresentar a V. Ex.^{as} o Relatório sumário da nossa actividade durante o ano findo de 1959.

O movimento de sócios foi o seguinte:

Existiam em 1-1-1959	1.239
Admitidos	80
Readmitidos	5
	<hr/>
	1.324
Falecidos	19
Demitidos	63
	<hr/>
Existindo nesta data	1.242,

donde se conclui que houve um aumento de 3 sócios sobre o número com que fechámos o ano transacto.

Os sócios falecidos foram os seguintes:

- 102 — Brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento
- 158 — João A. de Sousa Júnior
- 485 — Eng. Raul da Costa Couvreur
- 788 — Henrique Peyssoneau Nunes
- 864 — Almirante Carlos Viegas Gago Coutinho
- 995 — Dr. Alberto Monsaraz
- 1118 — Frederico Batalha Ribeiro
- 1547 — Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte
- 1616 — Pedro da Silva Telhado
- 1618 — Andrónico de Sousa Melo
- 1647 — Luís Ferreira da Silva Viana
- 1852 — António Saúde
- 2020 — António Bragança Gomes
- 2117 — Dr. Martins Salgueiro
- 2294 — J. Silva Nogueira
- 2523 — Aires da Silva Lopes
- 2601 — Luís Gonçalves Santiago
- 2719 — Monsenhor Francisco Esteves
- 3083 — João Baptista Gomes

Ao propormos um voto de sentimento pelo passamento destes nossos lembrados colaboradores devemos especializar os nomes do nosso Vice-Presidente da Assembleia Geral Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte e do antigo membro da Junta Directiva Brigadeiro Eduardo Ferreira do Nascimento, e o do notável vulto nacional que foi o Almirante Carlos Viegas Gago Coutinho. Às respectivas famílias em tempo oportuno testemunhámos o nosso pesar.

É justo lembrar que o Brigadeiro Ferreira do Nascimento que tinha o n.º 102 de inscrição, tinha entre mãos um trabalho para nos apresentar sobre «Lisboa e Nova Lisboa», cuja documentação, vinda de África, nos chegou já, após o seu falecimento. A realização do seu intento efectivar-se-á, tendo tomado esse encargo, seu irmão o nosso consócio e membro dos Corpos Gerentes Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

Pelos livros que estão ao dispor de V. Ex.^{as} se verifica que tivemos um saldo positivo de Esc. 15.942\$37 e que o Balanço é o que segue:

Exercício em 31 de Dezembro de 1959

Contas	Balanço	
	Activo	Passivo
Valores à cobrança		115.012\$60
Cartões de Identidade		155\$00
Gastos Gerais	123.260\$48	
Edições		16.142\$11
C/ de Conta Alheia		8.013\$99
Emblemas		188\$00
Receitas Diversas		301\$75
Contribuições	659\$70	
Feira do Livro		49\$10
Resultado do Exercício	15.942\$37	
	139.862\$55	139.862\$55

O exame das contas demonstra ser equilibrado o nosso orçamento, quer dizer, equivalem-se as nossas receitas com as nossas despesas da vida burocrática mas estática do Grupo. Não é essa, porém, só a nossa missão e objectivo.

É necessário de quando em quando, criar realizações, que pelo seu porte, comportem a efectivação de saldos, que permitam desafogar a vida associativa com melhoramentos, maiores realizações, exposições,

etc. Junta-se a isso a simpatia dos sócios por essas realizações, como o demonstra assazmente, as idas a Vila Viçosa, Évora, etc. em anos transactos, a Aveiro, Açores e Madeira, neste ano, que a par de saldos eficientes nas suas contas nos trouxe este ano mais de três dezenas de sócios o que permitiu fecharmos 1959 com um saldo positivo, embora pequeno, do número de associados, ao contrário do costume e com um apreciável saldo monetário que se não verificou também nas contas do último ano. Sem perder as características culturais olisiponenses, fez-se simultâneamente a vontade aos sócios e obteve-se larga propaganda do nome e acção do Grupo na Imprensa. Há que chamar a atenção dos lisboetas sobre o Grupo e adaptar-se este às exigências da época sem deixar de ser conservador do espírito e pensamento dos seus fundadores. É esse o nosso intento no ano que ora começa.

O número de ofícios e cartas expedidas foi de cerca de 450, não incluindo o expediente de publicidade e consignação de livros e actividade cultural.

Durante o ano foi aumentando o nosso inventário com a aquisição de um busto de gesso de Alexandre Herculano e um écran para projecções.

A actividade cultural cifrou-se em:

Visitas de estudo	19
Colóquios olisiponenses	5
Exposições	3
Conferências na sede	2
Salão fotográfico	1

Novamente tomámos parte na Feira do Livro como convidados do Grémio Nacional de Editores e Livreiros.

Durante o ano, além das permutas habituais e de algumas ofertas de livros, foram recebidos: um volume das *Plantas Topográficas de Lisboa*, oferta do nosso Presidente; 5 desenhos de chafarizes, do sócio n.º 1189, Sr. Coronel Mário Xavier de Brito, e 8 fotografias da Construção da Penitenciária oferecidas pelo Sr. 1.º Tenente José Maria de Meneses, por intermédio do nosso consócio Luís Simões Aurélio. (Estas fotografias pertenceram ao Eng. Sr. João Veríssimo Guerreiro).

O Boletim do Grupo — *Olisipo* — publicou-se sempre regularmente e fechámos o ano com a publicação do n.º 88, estando já no prelo o n.º 89

O Grupo fez-se representar por convite especial na homenagem ao nosso consócio Sr. Dr. José Pinto de Aguiar que antes de sair de Portugal para Consul em Baiona, ofereceu por intermédio do nosso

Secretário-Geral, então Vereador de Lisboa, a sua colecção Antoniana, à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, convite feito como homenagem ao Grupo por ter ela sido pela primeira vez exposta nas nossas salas.

Da actividade cultural, pelo nível e objectivo, devem destacar-se as visitas às Quintas da Bacalhoa e das Torres, por amável deferência dos seus proprietários, visitas que se realizaram sob a direcção do nosso consócio Sr. Eng. João dos Santos Simões e as visitas guiadas à Secção de Ourivesaria e Museus da Cidade do Museu Nacional de Arte Antiga sob a direcção do nosso consócio e seu director Sr. Dr. João Couto, a visita ao Palácio Fronteira, Instituto de Odivelas, Sociedade de Geografia e Museu do Carmo, das direcções, respectivamente dos nossos consócios Dr. José Cassiano Neves, do nosso Presidente e da Directora do Instituto Dr.^a D. Deolinda Santos, Dr. Júlio Gonçalves e do nosso Secretário-Geral.

Sáimos de Lisboa para visitarmos Aveiro a-propósito da consagração da Infanta Santa Joana — lisboeta de nascimento — visita que deu ensejo à aproximação solicitada com os dirigentes do Grupo «Amigos do Porto», que a Aveiro, pediram para se deslocar especialmente para esse fim, e aos Açores e Madeira em que durante quinze dias, sessenta e oito pessoas (sócios e suas famílias), sob a direcção dos nossos consócios Drs. Francisco Félix Machado e Eduardo Neves visitaram estabelecimentos, museus, monumentos aos colonizadores dos arquipélagos, muitos deles lisboetas, e em que o Grupo e os visitantes foram homenageados pelas respectivas autoridades o que deu origem a larga repercussão nos jornais locais e da metrópole.

Dos colóquios olisiponenses realizaram-se mais cinco sessões sendo já 32 as realizadas, das quais a última referente aos Açores e Madeira trouxe larga concorrência à nossa sede, e foi seguida duma exposição fotográfica e passagem de filmes.

Conseguiu-se, por amável aquiescência dos Srs. Presidente e Vice-Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa a quem representámos sobre o assunto, que a percentagem atribuída ao Grupo sobre a venda das edições da mesma Câmara fosse substancialmente aumentada quando nalguns sectores era assaz diminuta (Feira do Livro 15 %, por exemplo).

Foram prestimosas as colaborações da Comissão de Contas, de que alguns membros foram assíduos às reuniões da Junta Directiva e da Secção de Movimento Cultural e Propaganda a quem testemunhamos o nosso agradecimento.

O pessoal cumpriu como de hábito e por vezes em tarefas árduas, só com a inscrição para a visita aos Açores e Madeira movimentaram-se cerca de duzentos e cinquenta mil escudos.

Resumindo propomos a V. Ex.^{as} os seguintes votos:

- a) sentimento pelos sócios falecidos;
- b) agradecimento aos nossos colaboradores, directores de visitas de estudo, conferencistas, ofertantes, etc.;
- c) agradecimento à Imprensa e Emissoras de Radiodifusão pela sempre solícita e obsequiosa colaboração.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959.

A JUNTA DIRECTIVA

PRESIDENTE

Gustavo de Matos Sequeira

VICE-PRESIDENTE

Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes

SECRETÁRIO-GERAL E RELATOR

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Dr. Alberto Gomes

TESOUREIRO

Hugo Raposo

VOGAIS

Coronel José Pereira Coelho

Dr. Eugénio Mac-Bride

Prof. Doutor Raul de Carvalho

Prof. Doutor António Monteiro da Costa

PARECER
da
COMISSÃO DE CONTAS

Ex.^{mos} Consócios.

Temos a honra de vos apresentar o Parecer desta Comissão sobre o Relatório da Junta Directiva referente ao Exercício de 1959, conforme o determina o Art. 41.º e sua alínea b), dos nossos Estatutos.

Acompanhámos, com assiduidade, os actos administrativos da nossa Junta Directiva, pois assistimos a quase todas as suas sessões, actividade que mereceu sempre o nosso inteiro acordo, tanto na parte administrativa, que particularmente nos diz respeito, como na parte cultural.

Por isso temos o prazer de vos propor que aproveis:

- o Relatório e as Contas presentes, e
- um voto de louvor à Junta Directiva e à Secção de Movimento Cultural e Propaganda.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1960.

A BEM DE LISBOA

O PRESIDENTE

Dr. José Leitão de Barros

O SECRETÁRIO

Higino Nunes da Silva

O RELATOR

José Francisco de Oliveira

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS
À VENDA NA SEDE

78

VARIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
A cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja do Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

DR. EDUARDO NEVES

Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Uma recordação sebástica no Sítio da Luz	18\$00	20\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

P.^E FRANCISCO LEITE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvoroço na Lisboa setecentista	13\$50	15\$00

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Guia do Orlisipo n. ^{os} 1 a 11	7\$50	8\$00
» » » n. ^{os} 12 a 21	9\$00	10\$00
Visite Lisboa, 6. ^a ed.	81\$00	90\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2. ^o , 3. ^o , 4. ^o e 5. ^o vols.	135\$00	150\$00
Idem, idem, 6. ^o vol.	162\$00	180\$00
Lisboa das sete colinas	36\$00	40\$00
Lisboa vista em 5 dias	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII	13\$50	15\$00
--	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
---------------------------	--------	--------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

LUÍS MOITA

O Metropolitano e as «Sete Colinas» Orlisiponenses	7\$00	7\$50
---	-------	-------

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	6\$70	7\$50
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje» do Sr. Paulo Freire	9\$00	10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé	9\$00	10\$00
Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$50	5\$00
--	-------	-------

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama	18\$00	20\$00
--------------------------	--------	--------

DR. MANUEL VICENTE MOREIRA

O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
--------------------------------	--------	--------

MÁRIO COSTA

Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra	9\$00	10\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	45\$00	50\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
A Patriarcal Queimada — Uma síntese da sua história	18\$00	20\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira de Lisboa	18\$00	20\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
--	-------	--------

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Orlisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

TINOP

Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as Pousadas oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português, não pode, em verdade, ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável e merece que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das Pousadas, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM — MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA — MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia e a 14 kms. ao norte de Manteigas.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaça — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO — AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 885 m. de altitude.



AZULEJOS
LOUÇAS
PAINÉIS

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

●
**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

●
Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

PAPELARIA CARLOS

●
Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 02 44
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

●
CARLOS FERREIRA, LDA.

●
Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

●
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•
Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•
Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

José Maria de Noronha Feyo

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

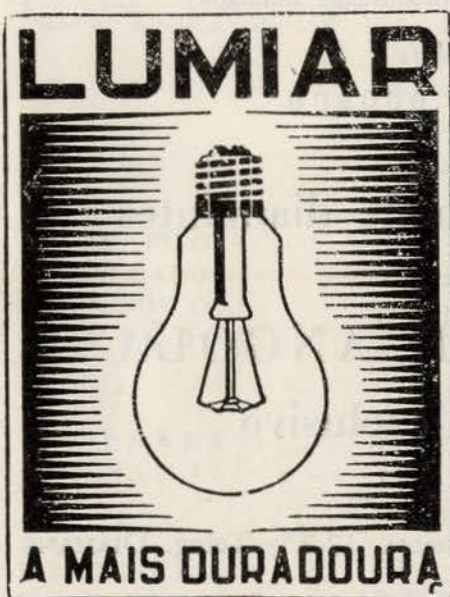
BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA



CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

30 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições da

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 31730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

COMPRAMOS

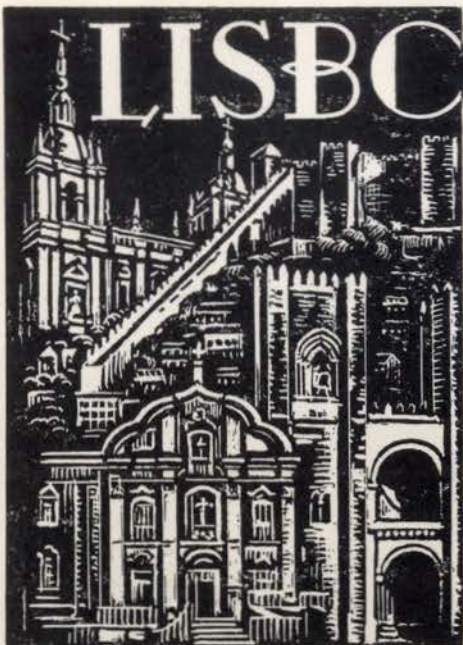
LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

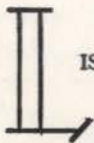
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58 • Telef. 28663 • LISBOA

RONDA DOS BAIRROS



LISBOA ORIENTAL



ISBOA, do lado da Graça e S. Vicente, lembra um painel de Mestres Primitivos, com motivos que sobram para deslumbrar as pessoas menos sensíveis à gloriosa mensagem de beleza dos séculos.

Não faltam igrejas (como, entre outras, a de Santo António, construída no local onde nasceu o taumaturgo; e a da Graça, de onde a imagem do Senhor dos Passos sai todos os anos, em concorrida procissão pelas ruas do bairro); uma preciosa Sé Catedral; e um Panteão: o de S. Vicente, onde repousam os restos mortais dos últimos reis de Portugal.

Tem ainda Lisboa, deste lado, deslumbrantes miradouros, como o de Santa Luzia, de Nossa Senhora do Monte, da Penha de França, etc.; e o Castelo de S. Jorge, recortado no Céu, para nos oferecer um dos mais belos panoramas que se possam conceber.

Um demorado passeio por estes bairros de Lisboa, principiando na Sé, e abrangendo o Castelo, S. Vicente, Graça e Penha de França, é de recomendar com o maior empenho, a todos aqueles que desejem conhecer uma das mais belas e características zonas da Capital.

Servem estes locais, os «eléctricos» das carreiras: 10, 11 e 12 e os autocarros das carreiras 11, 12 e 17.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL